

**O ATELIÊ
DE ARTE
NA ESCOLA**



O ATELIÊ DE ARTE NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Artes Visuais – habilitação em Licenciatura – da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Rosvita Kolb Bernardes.

**“Antes de uma criança começar a falar, ela canta.
Antes de escrever, ela desenha.
No momento que consegue ficar de pé, ela dança.
Arte é fundamental para a expressão humana.”**

(Phylicia Rashad)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Sou grata à minha avó Maria Izabel, por todo apoio, incentivo e por trilhar comigo os caminhos que sempre busquei.

Sou grata aos meus pais e cônjuges deles por todo carinho e apoio que sempre me deram.

Sou grata a meu esposo por me apoiar, incentivar e compreender os momentos em que me ausentei para que estivesse inteira no processo de estudar e pesquisar.

Sou grata por chegar até a Universidade Federal de Minas Gerais na Escola de Belas Artes, através da educação pública, ingressar no curso que sonhei desde que iniciei o ensino médio na busca de poder lecionar arte.

Sou grata aos mestres que contribuíram com minha formação ao longo do curso. Em especial a minha orientadora Rosvita que se destaca por educar acolhendo sempre as dúvidas e incentivando a busca do conhecimento.

Sou grata aos colegas de sala, companheiros de jornada, que sempre enriqueceram as aulas com suas experiências, proposições e produções. Em especial, Joelma e Anna Laura. Acredito no imenso potencial de vocês para transformar a educação em nosso país por meio das Artes Visuais.

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
Início de conversa.....	3
Os Ateliês de Arte: O encontro com o meu processo de criação.....	6
O Ateliê em uma Escola Infantil.....	14
E quando o ateliê é o ambiente externo da escola?.....	20
UMA CONVERSA SEM FIM?.....	24

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre a importância do Ateliê de Arte no espaço da escola. Trago também fragmentos do meu processo de criação e de experimentação no Ateliê que foram vivenciados durante o meu curso de Licenciatura em Artes Visuais. Parto da minha experiência como estudante do Ensino Médio, graduanda do curso da Licenciatura de Artes Visuais e do meu estágio de observação e supervisionado em duas escolas públicas. Através da vivência do Ateliê na universidade e também das observações das escolas trago algumas reflexões para o meu caminho como professora de arte. Foi durante os meus estágios em diferentes escolas que tive a oportunidade de me aproximar da realidade do ensino de arte em duas escolas públicas.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Ateliê. Educação

INÍCIO DE CONVERSA:

Estudei a minha vida inteira em escola pública. Início as minhas reflexões para a escrita do meu trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura de Artes Visuais a partir desse lugar. Lembro que tive poucas experiências com a arte na escola.

No último ano do Ensino Médio participei de um curso de formação cidadã, com acesso a um Ateliê de Arte, no PlugMinas¹ situada no bairro Horto de Belo Horizonte, através do Núcleo Valores de Minas que oferece aulas de artes em cinco áreas: Artes Visuais, Circo, Dança, Música (Canto, Percussão e Harmonia) e Teatro. Foi nesse local o meu primeiro contato com um ateliê com acesso à pintura em tela com cavaletes e materiais a disposição, a fotografia em que proporcionaram experiência de stop motion, vídeo arte e com a pinhole - uma forma alternativa de fotografia - e após o registro fotográfico também participamos do processo de revelação da imagem, em um Ateliê. O espaço era convidativo e aberto para provocar as nossas curiosidades e experiências como estudante.



¹ PlugMinas - Centro de Formação e Experimentação Digital é um projeto da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais direcionado aos jovens que estudam ou se formaram na rede pública de ensino fundamental e médio de Belo Horizonte ou Região Metropolitana.

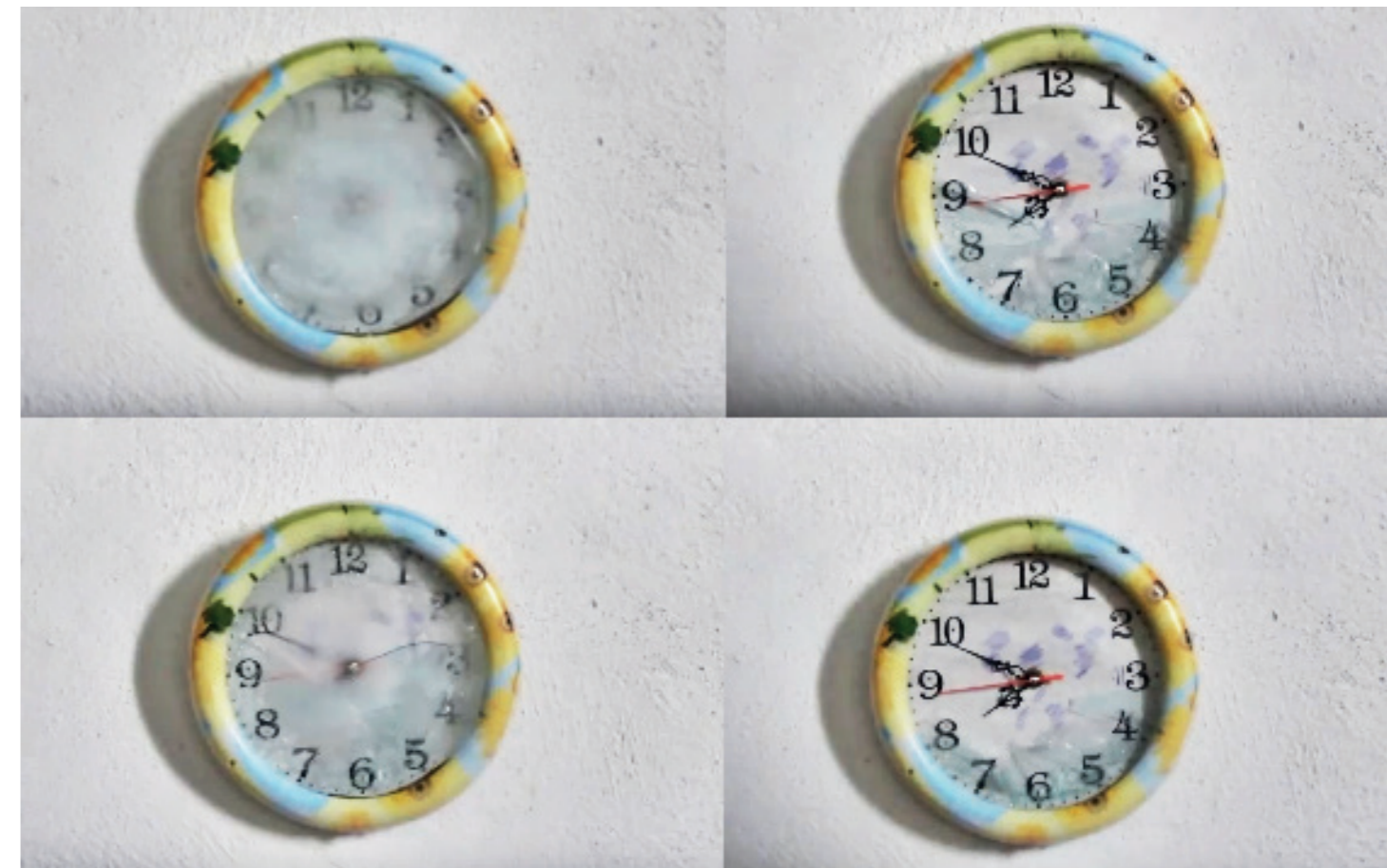
Ter esse contato com ateliê me proporcionou trabalhar em um grupo de estudantes de várias escolas o que resultou em duas exposições. A primeira foi uma exposição apresentada no Palácio das Artes com performances, vídeo arte e fotografia. Cada integrante da turma teve a liberdade de apresentar o trabalho que mais se aproximava da sua forma de expressão. Nesta exposição apresentei um vídeo arte, cujo roteiro teve como foco o processo de descongelamento de um relógio que aconteceu no Ateliê de fotografia. O tema do vídeo é sobre o conceito tempo, abordo de diversas formas poéticas, objeto relógio.

A segunda experiência foi a criação de um stop motion com personagens, história e fotografia feita pelo grupo que participou das oficinas. A primeira ação do grupo foi pensar a narrativa que iria compor nosso projeto. O roteiro se passou em um prédio com diversos cenários, nos quais a personagem principal interagia com o espaço e com os moradores, realizando furtos por onde passava. A estética de cada cenário que compunha esse prédio possuía uma estética própria, que instigava a personagem a furtar objetos que lhe encantavam. Um cenário era decorado por flores e nuvens, outro era abarrotado de cifrões e outro cheio de caixas e pacotes. Cada cenário foi construído de uma forma cuidadosa e minuciosa para aguçar e provocar a personagem principal.

Poder frequentar os diferentes ateliês nessa instituição foi fundamental na minha formação e acendeu o desejo de seguir pelo caminho da Arte e pela Licenciatura de Artes Visuais, sobre o qual ainda abordarei no texto. É talvez, deste tempo, o meu questionamento sobre a importância do papel do ateliê na minha formação artística. Percebi ainda como estudante do ensino médio, que frequentar um ambiente acolhedor e convidativo para um processo de imaginação faz toda a diferença em um processo criativo.

Eu me questionava sobre a necessidade de atravessar a cidade de Contagem a Belo Horizonte para frequentar um ateliê de arte. Pensei, como eu posso ampliar essa experiência para outras pessoas? Será que o que vivi no PlugMinas é possível também ser vivido e experienciado em outros espaços, outras escolas?

O desejo de seguir pela Arte foi despertado em mim. Foi esse contato que me moveu em direção a escolha de um curso de Arte na graduação. Eu queria aprender como lidar com diferentes materiais, investir no meu processo artístico para acolher e provocar outras pessoas no seu processo de criação. Assim, segui pela escolha do curso de Licenciatura em Artes Visuais, com o sonho e o desejo de voltar para a escola pública.



OS ATELIÊS DE ARTE: O ENCONTRO COM O MEU PROCESSO DE CRIAÇÃO

Encantei-me ao chegar à Universidade e ver um prédio inteiro de ateliês e uma galeria de arte, logo na entrada da Escola de Belas Artes. Pensei como seria se todas as escolas pudessem ter um espaço adequado para expor os trabalhos dos seus alunos. Como seria isso? Então, mais desejos são despertados com as diferentes possibilidades lidas nas entrelinhas dos espaços da escola.

Lembro que fiquei alguns dias impactada com tantos espaços, lugares, salas ambientes. No primeiro período tive a oportunidade de conhecer o Ateliê de desenho, onde pude experienciar o desenho de observação. Foi a primeira vez que desenhei objetos em diferentes mídias, tendo a oportunidade de observar um mesmo objeto produzido a partir de diferentes materiais, como o carvão, lápis e nanquim.

O ateliê de desenho é um espaço amplo, com um armário cheio de objetos, os quais são expostos de diversas maneiras para provocar a percepção dos alunos que se sentam em círculo para observarem os objetos expostos de diferentes pontos de vista.

Vivenciei o Ateliê de pintura em uma sala com cavaletes e um espaço enorme, repleto de trabalhos em processo dos estudantes. Também tive acesso ao Ateliê de fotografia, quando vislumbrei a relação entre a teoria e a prática da fotografia analógica, desde a técnica de manuseio da câmera até a revelação das fotos que produzidas. Me chamou a atenção como aquele Ateliê foi especificamente criado e organizado para acolher os detalhes e cuidados necessários para a revelação da fotografia analógica.



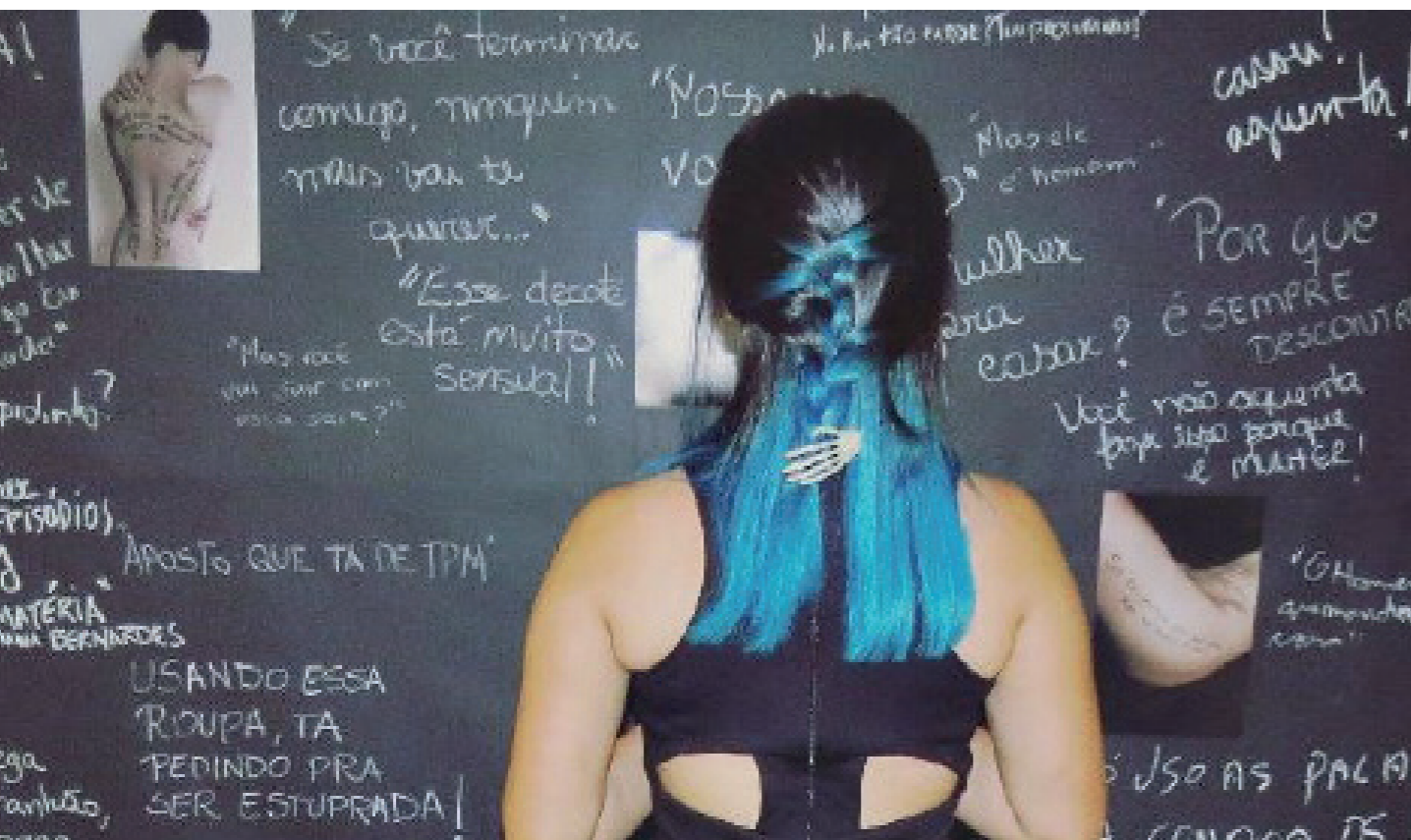
No Ateliê de escultura explorei o caminho da tridimensionalidade por meio da argila e gesso. Meu processo criativo foi construído em torno da experimentação da materialidade. Qual a diferença da argila para a massinha de modelar escolar? Material que fez parte do meu repertório no ensino infantil. Minha primeira impressão não foi boa, minha mão ficou seca, queria lavá-las toda hora, a argila resseca, quebra, estoura no forno. Tudo acontece.

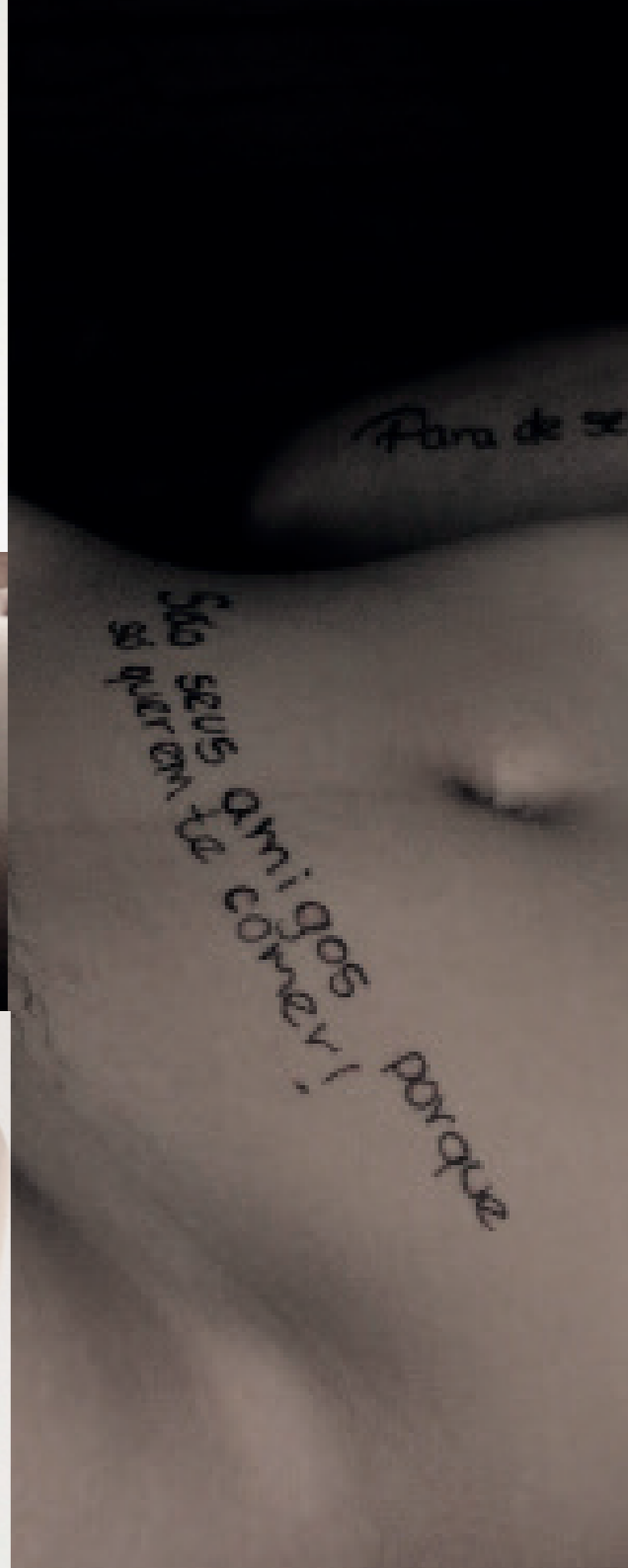
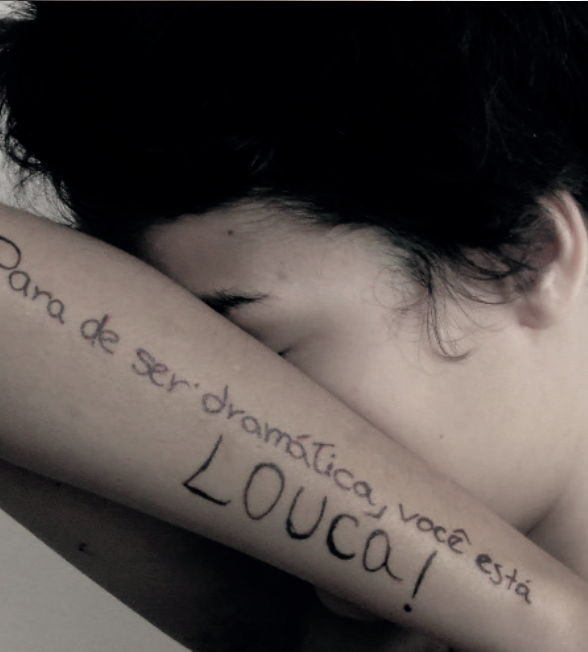
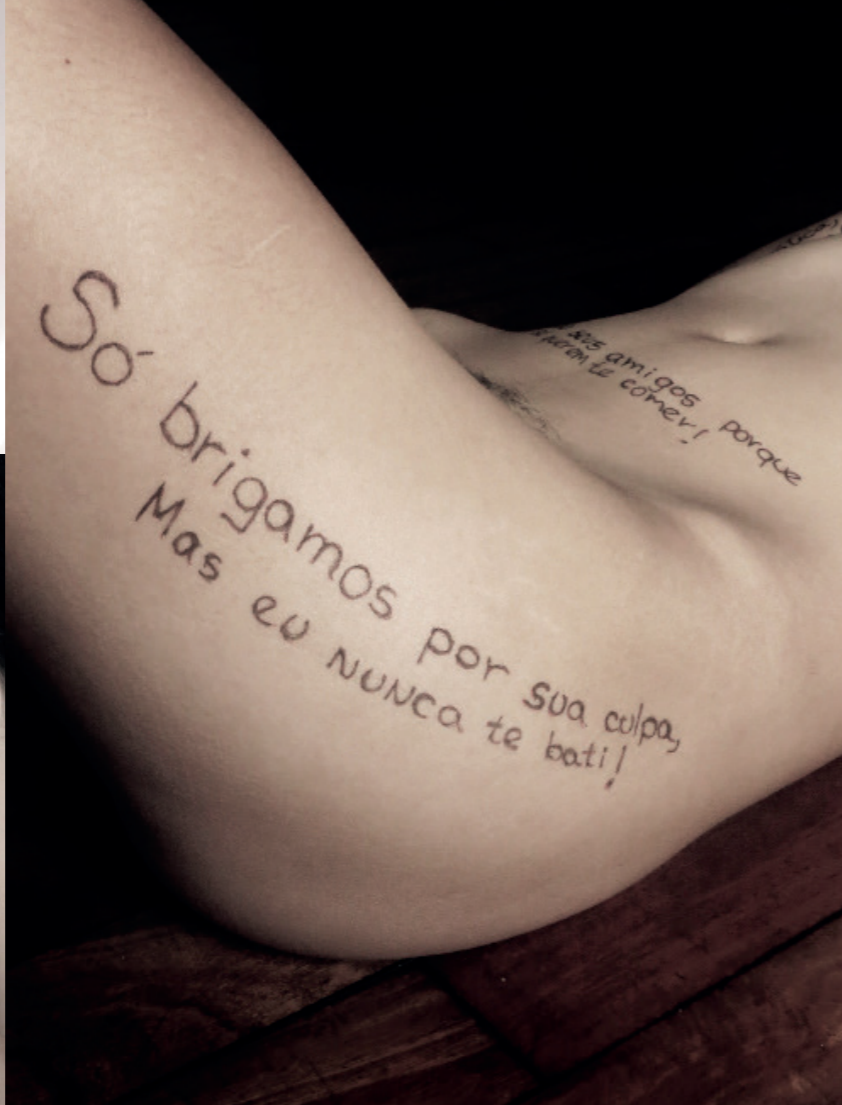
Senti em meu processo uma dificuldade de me desligar da bidimensionalidade e busquei suporte nas folhas das árvores. Além de serem formas possíveis de reproduzir na argila, me proporcionaram a exploração das texturas. Ao serem pressionadas contra o material-argila, as folhas transferem seus veios, trazendo suas características próprias e orgânicas.



Outra oportunidade que tive durante a graduação aconteceu durante a exposição Deriva X². A exposição tem o objetivo de proporcionar a experiência de montagem, curadoria e divulgação feita exclusivamente pelos estudantes. Os trabalhos expostos na Deriva são produzidos pelos mesmos estudantes envolvidos no processo, provocando-nos sobre o nosso lugar como propositores.

Nesta exposição participei com o trabalho Mal Anímico, que são fotografias que abordam a temática do abuso psicológico de mulheres. O trabalho coletivo foi realizado com a participação de duas amigas, desenvolvemos com a orientação de projeto artístico na disciplina de Metodologia da Pesquisa: Arte, que visa a elaboração da escrita e prática. A partir da escuta de relatos anônimos, e de nossas próprias experiências como mulheres, oprimidas e excluídas do contexto social, cultural e político, unimos e organizamos esse material. Seguimos pelo processo de leitura dessas frases e selecionamos as mais significativas. As frases selecionadas foram escritas no corpo de uma mulher e fotografadas. Em seguida montamos a nossa proposta fotográfica sobre papéis pretos. Nas laterais disponibilizamos giz branco, com a intenção de convidar o espectador a intervir com suas próprias experiências e histórias.







Um outro ateliê que proporcionou diferentes experiências e novas questões para o meu processo de criação foi o Ateliê da Fibra. Foi nessa oportunidade que aprendi a utilizar materiais como o papel para a criação de cesto de vários tamanhos e técnicas e também a fazer papel reciclado utilizando papelão, papel impresso e colorido. É um processo que começa com a preparação do papel que fica algumas horas de molho, para no final acrescentar alguns químicos para dar mais durabilidade ao papel.

A tapeçaria, que também faz parte desse ateliê, me trouxe a oportunidade de trabalhar com fibras de lã e restos de tecidos. Me senti bastante provocada nesse ateliê. Talvez, seja pela possibilidade que o material me proporcionou quando me deixei levar pelos fios, as cores, as tramas. Observei que esse tipo de trabalho pede um silêncio, uma concentração, um cuidado grande com a escolha das cores, formas e composição.

A disciplina Estruturas do Fazer foi muito importante para a formação da minha concepção de Ateliê na Escola. Pensada para ser um ateliê aberto, a disciplina trouxe propostas de três professores que se dispunham a orientar os estudantes em seu caminho. Nesta disciplina busquei duas proposições pensando na licenciatura, a primeira foi a criação de um pincel artesanal utilizando de sisal e pelo de cavalo concedido pela Escola de Veterinária, e a segunda foi a criação de tinta através de pigmentos minerais, extraídos de pedras.

Como levar as diferentes experiências que aconteceram nos ateliês da universidade para a escola? Essas ferramentas criadas de materiais alternativos são possíveis de serem produzidos pelas crianças nas escolas? Ou utilizar da terra dentro da escola ou fora. Em alguma área verde?

Rinaldi (2012) descreve o ateliê como “um lugar [para a realização] das cem linguagens”, aquelas apontadas por Malaguzzi. Ao discutir sobre a apropriação e efetivação do ateliê no cotidiano escolar,



“O ateliê trouxe outra diferença para a escola e promoveu ao máximo a ideia de diversidade, incentivando uma nova pedagogia que enfatizasse a subjetividade (e interconectividade) da criança. Considerando o ateliê como uma metáfora, gostaria de dizer (e não sou a única) que a escola inteira tem que ser um grande ateliê, onde crianças e adultos encontram suas vozes em uma escola que se transforma em um grande laboratório de pesquisa e reflexão”

(RINALDI, 2012, p.191).

Para Derdyk (2011) o ateliê, é um espaço aberto por sua natureza, é um lugar onde cultivamos o tempo, um recorte no tempo do dia a dia para certas ações que parecem não caber nas atividades pragmáticas do dia a dia: desenhar, pintar, recortar, esculpir, colar... ações que nos transportam para outros territórios dos sentidos, da percepção e do conhecimento. Holm, me provoca a pensar (2004, p. 84) sobre as crianças quando ela destaca que:

“As crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas. (...) Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem. As crianças adquirem isso na oficina de arte. Eu lhes apresento um desafio, que nunca tem uma resposta definida.”

(HOLM, 2004, p. 84)

Ostetto, (2011) destaca que para mobilizar os sentidos, é essencial o enriquecimento de experiências, promovendo encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação para que meninos e meninas possam aventurar-se a ir além do habitual, à procura da própria voz, da sua poesia.

A partir da interlocução com esses autores, ainda de forma inicial, e com a minha experiência como estudante de arte, penso que o ateliê é um espaço de trabalho, de pesquisa, investigação, reflexão, observação e escuta. Um lugar onde a alegria, o caos, se mesclam com as frustrações e incertezas e dúvidas no desejo de criação ou reinvenção do humano.

O ATELIÊ EM UMA ESCOLA INFANTIL

Durante o meu estágio I e II tive a oportunidade de acompanhar aulas de Arte em diferentes escolas na cidade de Belo Horizonte. Trago como primeira reflexão a minha experiência de estágio de observação quando tive a oportunidade de acompanhar de perto uma Escola Municipal de Educação Infantil, que me deixou bastante impactada e com muitos elementos de reflexão. É uma escola que fica localizada no bairro Grajaú atendendo uma grande maioria de crianças moradoras do Morro das Pedras. Essa escola, junto com os seus professores, pais, alunos e funcionários tiveram a oportunidade de participar em 2015 de um Programa Infância- Infância: a cooperação Itália Brasil e dessa cooperação nasce o projeto Educa no território BH Cidadania - Morro das Pedras que tinha como objetivo ampliar o universo cultural das crianças moradoras desse lugar. Foi assim que foram criados espaços mais específicos para a Arte, como por exemplo, o Ateliê da Luz, Ateliê do Som, Ateliê da Arte, Ateliê da Pesquisa e Ateliê da Construção. A materialidade contida nesses ateliês colabora para a interação de diferentes conhecimentos e provocam as crianças em seus processos de aprendizagem. Da mesma forma colaboram para o processo de ensino dos professores, que podem aproveitar os espaços em sua formação e utilizar diferentes recursos para a elaboração de suas aulas entre si.

Outra questão que observei durante meu estágio é o padrão estético que as EMEIs - apresentam. A sua arquitetura tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento infantil apresentando salas amplas, brinquedos no pátio, estruturas adequadas para a educação infantil como, por exemplo, camas, mesas, cadeiras, estantes, banheiros e pias adaptadas para o tamanho das crianças pequenas. A coordenação da escola e professores transformaram os corredores, os jardins os ateliês em lugares vivos, onde pulsam as produções artísticas das crianças. São espaços, ambientes que dialogam e tornam visível os projetos trabalhados em cada ateliê, corredores, jardins, no pátio, no bosque ou outro canto da escola.

Outra ação que me chamou muita atenção logo na entrada da escola, foi a instalação Guarda Chuvvas desenvolvida pelos pais das crianças. A intenção dessa ação artística era aproximar e trazer as famílias para mais perto, além de criar uma interação com as crianças novas que estavam chegando à escola.



Em conversa com a vice-diretora da escola descobri que a EMEI passou por um processo de transformação, o qual ela descreve com muito entusiasmo. Esse processo aconteceu por meio de experiências com a Arte, onde cada lugar da escola foi transformado em ateliês. Me impressionou muito a sua defesa pela Arte como área do conhecimento:

“Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem Arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a Arte.”

(BARBOSA, 2007, p.5)

Ela destaca as escolas infantis de Reggio Emilia, cidade localizada ao norte da Itália como fontes inspiradoras para seu trabalho. Foi por meio da nossa conversa que soube que o modelo pedagógico das Escolas Infantis Reggio Emilia na Itália, foram municipalizados e englobam 40% das escolas da cidade. Proposta que tem seu eixo de discussão centrado na criança como protagonista do seu processo de aprendizagem.

Ostetto (2008), destaca que a criança-produtora é parte imprescindível na pesquisa, revelada no processo do seu fazer, ou nos seus despropósitos (como diria Manoel de Barros, sobre as coisas da criação e da poesia)

“[...] é preciso ver a criação e o criador envolvidos no processo. É necessário reparar no ser poético de cada criança. Assim, então, poderemos contribuir para a ampliação das tão decantadas múltiplas linguagens ajudando meninos e meninas a darem forma/ expressão aos seus sonhos e devaneios. Só a partir do reconhecimento da base poética e metafórica do pensamento da criança poderemos, partilhando experiências e conhecimentos, ajudá-las a seguir adiante em seus despropósitos.”

(OSTETTO, 2008, p.55)



Foi durante o meu estágio de observação nessa escola, que percebi no relato das professoras, nos desenhos e trabalhos expostos nas paredes e corredores, uma concepção da criança como protagonista do seu processo de aprendizagem, onde a Arte promove um espaço-tempo de criação.

Foi em cada espaço que percebi uma escuta atenta das professoras e também das crianças, que são ouvintes da realidade que as cerca. Observei também que as crianças interagem com os espaços, corredores, parques, bosques, jardins, horta e ateliês correndo e brincando com muita autonomia. As crianças estavam ativas, cheias de perguntas e inquietações. Os adultos mantinham a escuta e a observação muito atenta. Lembrei de Rinaldi (2018, p. 124) quando ela diz que, por trás do ato de escuta existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse. Há sempre alguma emoção. Para ela essa capacidade de escutar e de alimentar expectativas possibilita a comunicação e o diálogo.

As professoras mantêm sempre à mão uma câmera fotográfica, para registrar e documentar o processo desenvolvidos na escola pelas crianças. O hábito de registrar e documentar me chamou muito atenção. Fiquei me perguntando sobre o valor desse registro e documentação. Registrar e documentar para que, para quem? Para que os pais possam acompanhar e saber o que as crianças fazem na escola? Ou a questão da documentação pode ir além de apenas anunciar o que acontece nos espaços da escola e ateliê, mas evidenciar pensamentos, possibilidades e reflexões das crianças e dos adultos?

Reggio Emilia (Rinaldi, 2018, p.121) vem a anos explorando essa metodologia dando ênfase a documentação como parte integrante dos procedimentos que almejamos para fomentar o aprendizado e modificar o relacionamento entre ensino e aprendizagem. Vejo que a EMEI se aproxima muito da metodologia apontada por Reggio Emilia.

É bonito acompanhar e ler os registros coletados e apresentados nos corredores da escola para que as pessoas possam ter acesso, saber o que se passa, o que acontece em cada espaço, em cada ateliê.

Os diferentes ambientes criados e inventados como espaços de criação também me chamaram muita atenção por meio da estrutura da sala, da disposição das mesas, os objetos sobre a mesa de luz como os materiais translúcidos, caixas, rolos, pincéis, papéis, retroprojetores, sempre disponíveis para serem explorados e usados. Havia tubos de ensaio, lupas, lanternas de luz, pedras, galhos, folhas, sementes, terra, ninhos de pássaros e livros. Vendo tudo isso comecei a pensar no ateliê como um grande laboratório de experimentação, observação, criação e pesquisa. Será que esses espaços promovem um processo de criação?

Pode-se criar de várias maneiras: brincar ao mesmo tempo que se cria um desenho. Sentir outros materiais e outros lugares. Experimentar. Ao traçar caminhos novos e desconhecidos, a criança desenvolve sua sensibilidade e adquire uma consciência maior de todos os sentidos. Isso é fantástico. A arte dos pequenos deve ser vista em um contexto amplificado. Como um todo. (HOLM, 2007, p.12)

Nesse sentido os ateliês da EMEI, a meu ver, significam um lugar de construir relações entre as coisas, objetos e as ideias. São espaços onde a arte dos pequenos é vista como um todo, segundo Holm.

Caminei por algumas horas naquela escola tentando capturar cada momento, cada instante vivido por aquelas crianças. Tentei compreender o que a vice-diretora me apontava quando falava sobre a propriedade e a plasticidade dos diferentes materiais utilizados em cada espaço de ateliê. Mesmo que essa experiência na escola infantil sejam informações iniciais, gostaria de dizer que o verbo que me mobilizou nessa escola é o verbo permitir!

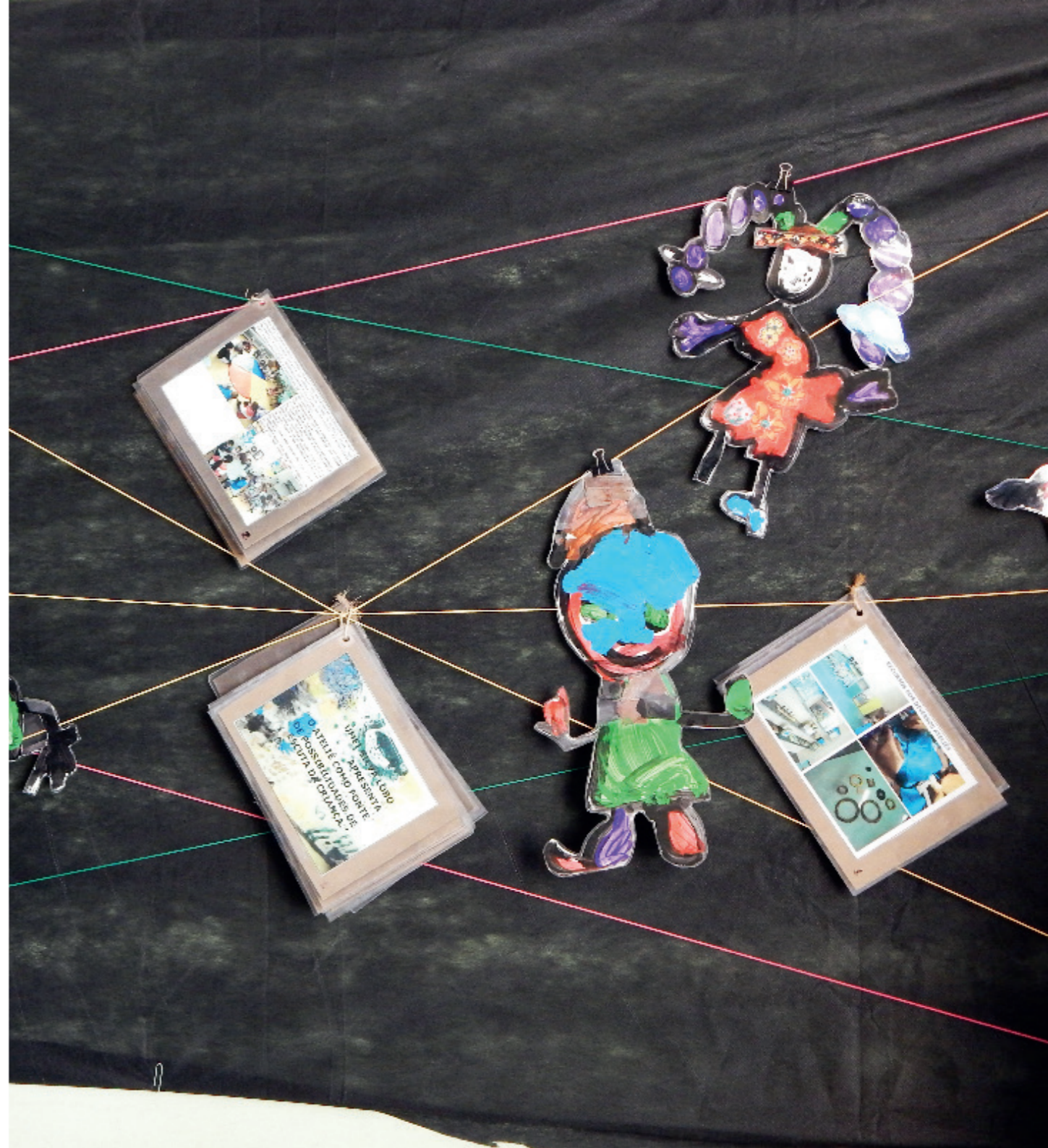
Saio do bairro Grajaú muito impressionada com o meu estágio de observação na EMEI.

É desde o portão da escola, os muros, a entrada da escola que a Arte está presente de diferentes formas e jeitos. Logo ao entrar na escola fui recebida pelo porteiro, na cozinha pelas cozinheiras, e na limpeza pelas faxineiras. Já no final da minha conversa com a vice-diretora fiquei sabendo que os funcionários da escola tiveram a oportunidade de conhecer Inhotim³.

Sigo para a próxima experiência do meu estágio: *E quando o ateliê é o ambiente externo da escola?*



³ O Instituto Inhotim é um acervo de arte contemporânea a céu aberto, está localizado em Brumadinho – MG.



E QUANDO O ATELIÊ É O AMBIENTE EXTERNO DA ESCOLA?

Ainda durante o meu estágio tive a oportunidade de acompanhar as aulas de arte do Ensino Fundamental II em outra Escola Municipal, localizada no bairro São Joaquim em Contagem.

Durante essa experiência tive a oportunidade de acompanhar uma professora de arte que não tinha acesso a materiais artísticos e muito menos tinha uma sala adequada para dar as suas aulas. O espaço que deveria ser reservado para o ensino de Arte era compartilhado com outras disciplinas e professores, sempre ocupada e sem espaço para a continuidade dos processos artísticos.

Acompanhei a professora de arte que é graduada em Artes Visuais, com Pós-graduada em Arte-Educação pela UEMG, Pós-graduação em História da Arte e Especialização em Ensino da Arte pela UFMG. Ela trabalha há seis anos na escola observada. Destaco que em Contagem os professores de Arte se mobilizaram para ter o direito de lecionar na Educação Infantil.

Ao perguntar para ela sobre seu caminho metodológico e sua concepção de ensino de Arte, a professora me apontou a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, pautando seu planejamento na leitura da imagem, contextualização e prática artística. Pude observar que a professora buscou aguçar a imaginação dos alunos com os materiais disponíveis como o papel sulfite, lápis de cor e canetas hidrográficas, criando cenários tridimensionais a partir do Quarto de Van Gogh. Os alunos observaram imagens do material didático criado pela professora sobre o artista, estudaram a vida e suas obras.



Em seguida, a professora perguntou aos estudantes sobre o quarto que tem em casa. Alguns alunos responderam que dividem o seu quarto com irmãos, outros responderam que dormem na sala e outros não responderam à pergunta. Após essa conversa a professora sugere uma criação tridimensional com diferentes papéis sobre o quarto dos sonhos de cada um.

Em um outro momento ela me contou que: *“A aula de hoje foi planejada fora de sala para os alunos desenvolverem desenho de observação do espaço externo da escola, pois nas aulas anteriores eles já vinham trabalhando com o desenho de observação e aplicação na malha de linhas quadriculadas.”* Ela segue contando que: *“em outro momento vivenciamos a prática de frotagem, também aproveitando os espaços externos da escola.”*

É possível refletir e perceber a prática educativa da professora observada com a descrição feita por Cortez (2009), em que declara que “a metodologia educativa na área artística inclui, escolhas pessoais e profissionais do professor quanto aos conteúdos de arte, que são contextualizados e organizados para que o aluno possa fazer, sentir, apreciar e refletir sobre a arte.” (CORTEZ, 2009, p.141)

Observei que a professora busca alternativas para a falta de espaços e de materiais nos ambientes externos da escola, que geralmente são abertos e acolhedores, pátios que nos convidam a olhar para o céu, observar as nuvens, coletar as folhas secas do chão e remexer a terra. Como por exemplo, quando na prática de desenho de observação os estudantes utilizam-se da materialidade da natureza como um processo de observar e desenhar.

Ao encerrar o meu estágio nessa escola pensei que, além de utilizar e ocupar os espaços fora da escola, não podemos deixar de lutar pelo espaço específico para a arte dentro da escola. Ao optar pela licenciatura devemos afirmar nosso lugar de fala e defender as possibilidades que podemos ter quando se tem um espaço físico que pode ser modificado.



UMA CONVERSA SEM FIM?

Retomo nessa narrativa, os caminhos os quais trilhei nesse Trabalho de Conclusão de Curso. Foram conversas sobre os ateliês que atravessaram e ainda atravessam a minha vida. A experiência do Plug Minas, no ensino médio onde tive a minha primeira experiência de ateliê. Minha vivência no espaço acadêmico, uma outra possibilidade, quando pude escolher alguns materiais como a tecelagem e a fotografia. O Estágio Supervisionado, no qual tive a oportunidade de conhecer duas escolas mais de perto.

A primeira escola EMEI apresenta diversos ateliês que a compõem com um espaço acolhedor para todas as áreas do conhecimento. Faz parte da proposta pedagógica da escola envolver e incentivar a comunidade escolar, estabelecendo uma relação próxima entre as crianças, pais, professores e funcionários.

Na segunda escola visitada pude experienciar uma outra dinâmica. A professora trabalha a arte ao ar livre, onde o ateliê funciona em todos os espaços abertos, não importa aonde e como.

Dessa forma as experiências vividas aqui, contribuíram para a construção da minha percepção de Ateliê de arte na escola.

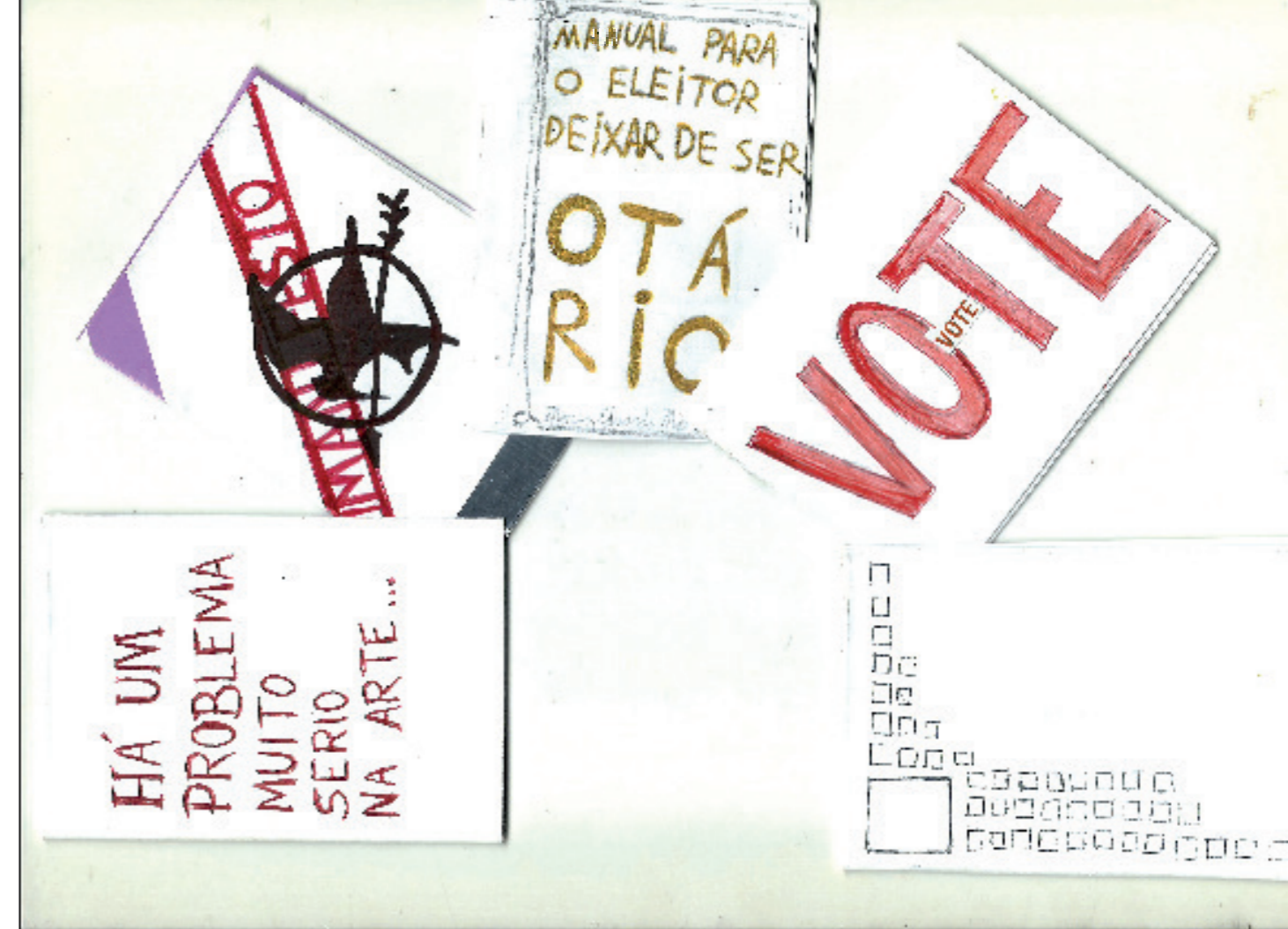
Assim penso que, além de perceber a importância dos espaços de Ateliê, também temos a questão da falta de material didático, apontado por uma das professoras no estágio. Isso me fez lembrar que na Universidade em uma disciplina de Laboratório de Licenciatura foi possível criar materiais didáticos e levá-los para uma experiência na escola. Nesse momento tive um contato direto com alunos do ensino fundamental.

Propus a criação de um fanzine, que é uma publicação não oficial e não profissional. O material escolhido para a sua produção foi papel sulfite, revistas, canetas e lápis. As proposições para esses materiais são inúmeras, pois são simples e acessíveis.

Apresentei minha proposta para meus colegas na universidade antes de partir para a escola. Esse momento foi importante para que eu pudesse analisar meu planejamento e abordagem, identificando quais pontos ainda deveriam ser trabalhados.

Na escola propus iniciar minha oficina com uma roda de conversa, pensando em uma oportunidade para provocá-los com perguntas sobre a cidade, o bairro em que moram, suas ruas e casas. Pedi que os eles pensassem sobre o que gostariam de melhorar na cidade onde moram. Lentamente os alunos se interessaram na proposta e começaram a manusear as revistas. Alguns desenharam e outros não fizeram. Outros ficaram apenas folhando e olhando as revistas.

Assim como destaquei que na Escola Municipal do Fundamental II a professora levava seu próprio material didático, destaco a importância da oportunidade de criação de materiais didáticos na Universidade.



Sigo na minha jornada como futura professora e artista. Com muitas coisas por aprender, muitos caminhos para desbravar e buscar.

Com esse trabalho foi possível iniciar um processo de aprendizagem sobre o ser professora de Arte. Interessei-me pelo tema do Ateliê de Arte, que trago aqui ainda de forma inicial, como espaço de que pode nos provocar, inspirar e instigar.

Ainda como estudante de Arte e após a escrita desse texto, pretendo continuar meu projeto de fotografia com ênfase no tema Mulheres. Tema que já abordei durante o curso e que volta nesse momento com mais força em minhas reflexões poéticas.

REFERÊNCIAS

As imagens presentes nesse trabalho são de autoria Joyce Martins.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. Reggio Emilia: escolas feitas por professores, alunos e familiares. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/experiencias/reggio-emilia-escolas-feitas-por-professores-alunos-familiares/> Acesso em: 10 de abril de 2019

CORTEZ, Maria Heloísa de T. Ferraz. *Metodologia do Ensino de Arte - Fundamentos e Proposições*. São Paulo: Cortez, 2009.

DERDYK, Edith. *O espaço da criação e a criação do espaço: arte na escola, no museu, em casa*. Revista Emília. Leitura e Livros para Jovens. 2011.

HOLM, Ana Marie *“A energia criativa natural.”* Pro-posições. Campinas, SP, Faculdade de Educação/Unicamp. 2004.

_____. *Baby-Art; os primeiros passos com a arte*. São Paulo: MAM, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *“Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis.”* Cadernos de Formação da UNIVESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (p. 27-39)

RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. São Paulo: Paz e Terra, 2012. Arnaldo Nogaró. Doutor em Educação – UFRGS.

